

Pastoral urbana e juventude: notas culturais do Brasil contemporâneo

Urban pastoral and youth: cultural notes of contemporary Brazil

Camila dos Santos Nogueira¹
camilasantosng@yahoo.com.br
Pedro Paulo Vieira da Silva Junior²
pedropaulo_uff@yahoo.com.br

Resumo

O atual contexto vem desafiando a Igreja Católica a repensar suas práticas pastorais, visando atender os anseios de uma época de forte urbanização. No campo da evangelização da juventude, torna-se urgente a adoção de uma linguagem e simbologia, que contemple os anseios do jovem pós-moderno. Eventos como a Jornada Mundial da Juventude e o Dia Nacional da Juventude querem responder a uma evasão dos jovens da Igreja, buscando apresentar uma face jovial no contexto eclesial. Objetiva, ainda, olhar as mudanças que ocorreram nos últimos 40 anos, percebendo o modelo de Igreja que se tem hoje, considerando o forte processo de urbanização que está inserida a Sociedade Brasileira.

Palavras-chave: Juventude; Igreja Católica; Urbanização

Abstract

The current context is challenging the Catholic Church to rethink their pastoral practices, to meet the aspirations of a time of strong urbanization. In the field of youth evangelism, it becomes urgent to adopt a language and symbolism which addresses the concerns of postmodern young. Events such as World Youth Day and National Youth want to respond to an evasion of the youth of the Church, seeking to present a youthful face in the ecclesial context. It aims also to look at the changes that have occurred in the last 40 years, realizing the model of Church that we have today, considering the strong urbanization process in which the Brazilian Society is inserted.

Keywords: Youth; Catholic Church; urbanization

¹ Estudante de Especialização em Gestão de Pessoas – Universidade Estácio de Sá (Resende/RJ).

² Mestrando em Sociologia e Direito pelo PPGSD/UFF.

I. Introdução

Um dos grandes desafios enfrentados pela Igreja Católica na atualidade diz respeito à evangelização da juventude no espaço urbano. Os diversos modos de viver da cidade requerem novas práticas pastorais que considerem as características deste novo areópago, atrelado com sua cultura e história.

Não se fala aqui de uma prática religiosa desconhecida, senão de uma realidade experienciada no decorrer de uma vida de aprofundamento nas atividades religiosas, sobretudo, nos últimos anos, na Pastoral da Juventude, parte do todo chamado Igreja Católica. Este pensamento coaduna-se com o esboçado por Bauman e May (2010, p.20), que assim explicitam:

“Ao mesmo tempo, sociólogos são parte dessa experiência e, como tal, não importa quão arduamente tentem manter distância de seus objetos de estudo – tratando as experiências de vida como objetos “de fora” -, não conseguem desligar-se completamente do conhecimento que buscam compreender. Apesar disso, essa condição pode ser uma vantagem, posto que possuem uma visão interna e externa das experiências que tentam entender”.

No documento nº 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – Evangelização da Juventude - Desafios e Perspectivas Pastorais – os Bispos brasileiros apontaram a necessidade de reformulação da ação pastoral, visando impedir o atolamento nesse novo contexto histórico-juvenil: “E o processo de evangelização, a metodologia, os enfoques, o ponto de partida e o sistema de acompanhamento têm que levar isso em conta para não ficar atolado na estrada de uma história que não espera”.ⁱ

Em outras palavras, nota-se que, no campo da evangelização da juventude, torna-se urgente a adoção de uma nova linguagem e simbologia, que contemple os anseios do jovem pós-moderno.

No entanto, uma pergunta surge quase que instantaneamente, ao ler o título do presente trabalho: Que é Juventude? A resposta não é simples, pois se teria que partir de diferentes campos do saber (psicologia, sociologia, geografia, biologia etc.) para buscar um conceito satisfatoriamente bom. Levando-se em consideração a faixa etária marcada pelo IBGE, tem-se que a Juventude equivale ao período entre 15 e 24 anos. E este

intervalo é considerado pela Igreja Católica, no embasamento do citado documento 85. Nas lições de Pais (1990, p.148),

“Em suma, a noção de *juventude* somente adquiriu uma certa consistência social a partir do momento em que, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento —com os consequentes «problemas sociais» daí derivados— dos tempos de passagem que hoje em dia mais caracterizam a juventude, quando aparece referida a uma *fase de vida*”.

Enfim, é com esse parâmetro que se considerará o conceito juventude, neste trabalho. A relevância não está tanto no sujeito protagonista da cena, mas no modo como a cena se desenrola e o cenário em que ela está inserida.

Com efeito, partindo-se dessa realidade sócio-político-cultural, o presente trabalho busca apresentar, num primeiro momento, como ocorreu o processo de urbanização no Brasil; em seguida, traçar algumas considerações sobre a juventude que ocupa esse espaço hoje; para, finalmente, descrever e analisar as respostas da Igreja Católica frente ao crescimento das cidades e a evangelização da juventude.

II. A Urbanização Brasileira

Por urbanização, entende-se o processo vivenciado no Brasil desde aproximadamente os anos 50 e que apresenta como causas principais a industrialização e a geração de empregos, além das transformações ocorridas no campo (concentração fundiária, mecanização etc.).

Entre as vantagens que se pode depreender da vida citadina, em que pese as diversas mazelas então conhecidas, estão a maior oferta de emprego, sobretudo no setor secundário (indústrias e construção civil); grande expansão do setor terciário (comércios, bancos, prestação de serviços etc.); oportunidades distintas de lazer e esporte; além de uma infraestrutura mais eficiente no que tange ao transporte, saúde, educação, saneamento básico e segurança pública.

É sabido que na história do Brasil, o maior deslocamento populacional ocorreu da região nordeste para o sudeste (especialmente para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo), o que ocasionou um crescimento desordenado das cidades, podendo-se dizer que se tratou de uma urbanização caótica do ponto de vista do planejamento estrutural.

Por consequência deste processo, houve a expansão das favelas, o aumento da economia informal e também o crescimento de um contingente populacional mais carente. Nesse sentido, pode-se dizer que o desenvolvimento das cidades ocorreu concomitantemente com a intensificação e surgimento de graves problemas sociais e ambientais (falta de moradias, poluição, trânsitos intensos, marginalização da população pobre etc.).

Todavia, não foi de modo homogêneo e articulado que ocorrera a urbanização brasileira. Pelo contrário, como salienta Milton Santos (1994), o Brasil constituiu uma série de arquipélagos urbanos, nos quais houve concentração das possibilidades de acesso à cidadania, à modernidade, à urbanidade e à vida moderna em geral.

A formação das metrópoles e megalópoles foi o movimento posterior ao processo inicial de forte êxodo do campo para a cidade. Municípios como Rio de Janeiro e São Paulo ultrapassaram rapidamente a casa dos milhões de habitantes. Como efeito, o indivíduo vai se perdendo no meio da multidão e sua identificação torna-se imprecisa.

Entretanto, não é somente da vida na cidade que se faz referência aqui, mas também das transformações sofridas no campo, que o assemelha às cidades. Nas palavras de Lefebvre (1991):

“O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, ‘o tecido urbano’, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano”.

É nesse espaço de crescente concentração populacional, atravessado por diversos problemas socioeconômicos, que a Igreja é impelida a elaborar novas estratégias de evangelização, ainda mais quando se considera o setor juvenil da sociedade.

III. A Juventude No Espaço Urbano

Certo é que a população brasileira vive hoje, em sua grande maioria, nas cidades, mais ainda a juventude vem ocupando este espaço. De fato, muitos jovens deixam a área rural em busca de melhores condições de vida nos espaços urbanos, sobretudo nas grandes metrópoles, acreditando que neles encontrarão meios de ascenderem

socialmente. Conforme dados do Censo de 2000, 84% dos jovens brasileiros viviam no meio urbano, sendo que 31% em regiões metropolitanasⁱⁱ.

Outro ponto importante de ser mencionado refere-se às marcas desta juventude pós-moderna, como trazidas por Novaes & Vital (2006, p.112-113), ou seja, o “medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência, e a vida em um mundo conectado, por causa da Internet”.

Apesar destas marcas, o desejo de transformar o mundo, de construir um projeto de vida pautado em valores nobres também é possivelmente captado no modo de encarar a sua vida. Nesse sentido, cabe apontar que se se busca transformar à realidade, o que se percebe é que a geração jovem será a primeira a vivenciar tais transformações e, nesse ínterim, atua como agente revitalizador. É o que Mannheim (1976, p.92-93) esclarece:

“Na medida em que existe o desejo de adotar uma nova orientação, isso terá de fazer-se através da juventude. As gerações mais velhas ou intermediárias podem ser capazes de prever a natureza das mudanças futuras e sua imaginação criadora pode ser empregada para formular novas políticas; mas a nova vida será vivida apenas pelas gerações mais jovens. Estas viverão os novos valores que os velhos professam somente em teoria. Sendo assim, a função da juventude é a de um agente revitalizador. Trata-se de uma espécie de reserva que se revela apenas se tal revitalização for desejada”.

Desta forma, numa análise sociológica, pode-se conceber a juventude não no singular, como se fosse um corpo homogêneo na sociedade, mas no plural “juventudes”, para que sejam abarcadas as diversidades culturais de cada grupo social. Assim, os jovens católicos, que são neste trabalho salientados, constituem um grupo juvenil específico, que carregam em si modos diferentes de expressar, de pensar e de entender-se a si mesmo.

Nesse diapasão, como oblitera Pais (1990, p.140):

“Com efeito, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto [sic] de se falar dos jovens como uma «unidade social», um grupo dotado de «interesses comuns» e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações,

consumos culturais, por exemplo), mas também —e principalmente— as *diferenças sociais* que entre eles existem”.

Nesse sentido, a tarefa de evangelizar uma juventude, banhada no medo e atravessada por um ritmo acelerado de vida, torna-se ainda mais complexa, tendo em vista que, estes elementos, não podem deixar de ser considerados, além das particularidades dos jovens que se esperam atingir.

Conforme se observa no Censo de 2000, pode-se constatar que o perfil religioso do jovem brasileiro é bem parecido com o da população. Os católicos no país eram 73,8% da população. Entre os jovens de 15 a 24 anos, eram 73,6%. Enquanto no conjunto da população a presença evangélica representava 15,5%, entre os jovens a adesão às Igrejas evangélicas era um pouco menor: 14,2%. A maior diferença encontrava-se no grupo que se identificava como “sem religião”: na população, 7,4%, e entre os jovens: 9,3%.ⁱⁱⁱ

Os referidos dados não devem ser vistos como avanço do ateísmo entre os jovens brasileiros, pois estes, ao contrário, ainda que não se identifiquem com uma instituição religiosa, dizem apresentar um lado espiritual independente de religião.

Por fim, como será vista no tópico seguinte, a filosofia atual abarcada pela Igreja Católica consiste em buscar olhar de maneira diferenciada para as cidades e a juventude, buscando responder suas angústias e inquietações, a partir da atualização da mensagem salvífica de Jesus Cristo e do contexto sócio-histórico deste segmento que é tido como protagonista de sua própria história, a juventude.

IV. A Resposta Da Igreja Católica Frente Ao Crescimento Das Cidades E A Evangelização Da Juventude

Como salienta Cipriani (2007, p.167), ao tratar do pensamento de Troeltsch, “A Igreja é geralmente conservadora e se adapta às exigências mundanas, dirigindo-se a adesões de massa e não de tipo elitista”.

Convém esclarecer que, nessa óptica, a Igreja Católica também traz uma adaptação às novas realidades urbanas, sem, contudo, perder a essência do Cristianismo primitivo. Não se pode perder de vista que, ainda que se encare a religião como um discurso vazio, como muitos jovens pós-modernos têm acreditado,

“não é possível ignorar que as pessoas encontram razões para viver e morrer em suas esperanças religiosas, lançando-se em empresas grandiosas e atrevido-se a gestos loucos, compondo poemas e canções, marcando o lugar onde os mortos amados foram enterrados e, se necessário, entregando-se mesmo ao martírio”.(Alves, 2002, p.39)

Olhando para a realidade urbana em que grande parte da população brasileira se encontra, os Bispos da Igreja no Brasil, une-se aos Bispos de toda América- Latina e Caribe, e, na última Conferência Episcopal Latino-americana e Caribenha, ocorrida na cidade de Aparecida – São Paulo, em 2007, reafirmam a urgência de uma evangelização que considere o espaço urbano como lugar privilegiado de atuação da Igreja:

Reconhecendo e agradecendo o trabalho renovador que já se realiza em muitos centros urbanos, a V Conferência propõe e recomenda uma nova pastoral urbana que:

- a) Responda aos grandes desafios da crescente urbanização.
- b) Seja capaz de atender às variadas e complexas categorias sociais, econômicas, políticas e culturais: pobres, classe média e elites.
- c) Desenvolva uma espiritualidade da gratidão, da misericórdia, da solidariedade fraterna, atitudes próprias de quem ama desinteressadamente e sem pedir recompensa.
- d) Abra-se a novas experiências, estilos e linguagens que possam encarnar o Evangelho na cidade.
- e) Transforme as paróquias cada vez mais em comunidades de comunidades.
- f) Aposte mais intensamente na experiência de comunidades ambientais, integradas em nível supraparoquial e diocesano.
- g) Integre os elementos próprios da vida cristã: a Palavra, a Liturgia, a comunhão fraterna e o serviço, especialmente aos que sofrem pobreza econômica e novas formas de pobreza.
- h) Difunda a Palavra de Deus, anuncie-a com alegria e ousadia e realize a formação dos leigos de tal modo que possam responder as grandes perguntas e aspirações de hoje e se inseriram nos diferentes ambientes, estruturas e centros de decisão da vida urbana.
- i) Fomente a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, passando de um passivo esperar a um ativo buscar e chegar aos que estão longe com novas estratégias tais como visitas às casas, o uso dos novos meios de comunicação social e a constante proximidade ao que constitui para cada pessoa a sua cotidianidade.
- j) Ofereça atenção especial ao mundo do sofrimento urbano, isto é, que cuide dos caídos ao longo do caminho e aos que se encontram nos hospitais, encarcerados, excluídos, dependentes das drogas, habitantes das novas periferias, nas novas urbanizações e das famílias que, desintegradas, convivem de fato.
- k) Procure a presença da Igreja, por meio de novas paróquias e capelas, comunidades cristãs e centros de pastoral, nas novas concentrações humanas que crescem aceleradamente nas periferias urbanas das grandes cidades devido às migrações internas e situações de exclusão.^{iv}

Assim, para que seja possível a realização desse novo jeito de fazer e ser Igreja, os Bispos da América- Latina e Caribe apontam que são necessárias outras tantas mudanças na estrutura da Igreja, para que seja atendido este novo areópago com um processo forte de evangelização dos habitantes dos centros urbanos:

Para que os habitantes dos centros urbanos e de suas periferias, cristãos ou não cristãos possam encontrar em Cristo a plenitude de vida, sentimos a urgência de que os agentes de pastoral, enquanto discípulos e missionários, esforcem-se em desenvolver:

- a) Um estilo pastoral adequado à realidade urbana com atenção especial a linguagem, às estruturas e práticas pastorais assim como aos horários;
- b) Um plano de pastoral orgânico e articulado que se integre a um projeto comum às paróquias, comunidades de vida consagrada, pequenas comunidades, movimentos e instituições que incidem na cidade, e que seu objetivo seja chegar ao conjunto da cidade. Nos casos de grandes cidades nas quais existem várias Dioceses, faz-se necessário um plano inter-diocesano;
- c) Uma setorização das paróquias em unidades menores que permitam a proximidade e um serviço mais eficaz;
- d) Um processo de iniciação cristã e de formação permanente que retroalimente a fé dos discípulos do Senhor integrando o conhecimento, o sentimento e o comportamento;
- e) Serviços de atenção, acolhida pessoal, direção espiritual e do sacramento da reconciliação, respondendo à sociedade, às grandes feridas psicológicas que sofrem muitos nas cidades, levando em consideração as relações inter-pessoais;
- f) Uma atenção especializada aos leigos em suas diferentes categorias: profissionais, empresariais e trabalhadores;
- g) Processos graduais de formação cristã com a realização de grandes eventos de multidões, que mobilizem a cidade, que façam sentir que a cidade é um conjunto, que é um todo, que saibam responder à afetividade de seus cidadãos e, em uma linguagem simbólica, saibam transmitir o Evangelho a todas as pessoas que vivem na cidade;
- h) Estratégias para chegar aos lugares fechados das cidades como grandes aglomerados de casas, condomínios, prédios residenciais ou nas favelas;
- i) Uma presença profética que saiba levantar a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus, ainda que contradiga todas as opiniões, provoque ataques e se fique só no anúncio. Isto é, que seja farol, cidades colocada no alto para iluminar;
- j) Uma maior presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias, profissionais e de todo tipo de associação para velar pelo bem comum e promover os valores do Reino;
- k) A formação e acompanhamento de leigos e leigas que, influenciando nos centros de opinião, organizem-se entre si e possam ser assessores para toda a ação social;
- l) Uma pastoral que leve em consideração a beleza no anúncio da Palavra e nas diversas iniciativas, ajudando a descobrir a plena beleza que é Deus;

- m) Serviços especiais que respondam às diferentes atividades da cidade: trabalho, descanso, esportes, turismo, arte, etc.
- n) Uma descentralização dos serviços eclesiais de modo que sejam muito mais os agentes de pastoral que se integrem a esta missão, levando em consideração as categorias profissionais;
- o) Uma formação pastoral dos futuros presbíteros e agentes de pastoral capaz de responder aos novos desafios da cultura urbana.^v

Assim, tomando em consideração o mundo juvenil, a Igreja no Brasil atualmente tem olhado para estas propostas trazidas pela Conferência de Aparecida e buscado dar efetividade aos inúmeros encaminhamentos lá produzidos.

O jovem vem ocupando lugar de prestígio na ação evangelizadora da Igreja Católica no Brasil. Nesse sentido, concernente ao lugar da Juventude na Igreja Católica no Brasil, demonstrando o protagonismo juvenil que no espaço eclesial ela exerce, o documento 85 menciona alguns dos diferentes espaços em que o jovem está inserido:

“Em nossa Igreja há uma presença significativa de jovens em vários setores da vida eclesial: nas comunidades eclesiais de base e nas paróquias, participando das equipes de liturgia e de canto, atuando como catequistas, em diversas pastorais. Estão presentes também nas pastorais da juventude, nos movimentos eclesiais, nas novas comunidades e nas diferentes iniciativas promovidas pelas congregações religiosas e institutos seculares”.^{vi}

Com efeito, a juventude tem ganhado maior importância na atuação evangelizadora da Igreja e podido exercer seu protagonismo frente aos diversos setores da vida eclesial. Somente para citar os últimos fatores que colocaram em destaque a juventude católica brasileira: em maio de 2011, ocorreu a 49ª Assembleia Geral dos Bispos no Brasil e, na ocasião, foi criada uma Comissão Episcopal para a Juventude; em 15 de junho do mesmo ano, o Conselho Episcopal Pastoral escolhe o tema Fraternidade e Juventude para ser trabalhado na Campanha da Fraternidade de 2013; e, finalmente, em 24 de agosto, no final da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em Madri – Espanha, Papa Bento XVI anuncia que o Brasil será sede da próxima JMJ que acontecerá também em 2013, na cidade do Rio de Janeiro.

V. A Jornada Mundial Da Juventude

A Jornada Mundial da Juventude é um encontro internacional dos jovens com o Papa, que dura aproximadamente uma semana, teve sua origem em grandes encontros

com os jovens celebrados pelo Papa João Paulo II em Roma. O Encontro Internacional da Juventude, por ocasião do Ano Santo da Redenção aconteceu em 1984, na Praça São Pedro, no Vaticano. Foi lá que o Papa entregou aos jovens a Cruz que se tornaria um dos principais símbolos da JMJ, conhecida como a Cruz da Jornada.

O ano seguinte, 1985, foi declarado Ano Internacional da Juventude pelas Nações Unidas. Em março houve outro encontro internacional de jovens no Vaticano e, no mesmo ano, o Papa anunciou a instituição da Jornada Mundial da Juventude. A primeira JMJ^{vii} foi diocesana, em Roma, no ano de 1986. Seguiram-se os encontros mundiais: em Buenos Aires (Argentina – 1987) - com a participação de 1 milhão de jovens; em Santiago de Compostela (Espanha – 1989) - 600 mil; em Czestochowa (Polônia – 1991) - 1,5 milhão; em Denver (Estados Unidos – 1993) - 500 mil; em Manila (Filipinas – 1995) – 4 milhões; em Paris (França -1997) – 1 milhão; em Roma (Itália – 2000) – 2 milhões, em Toronto (Canadá – 2002) – 800 mil; em Colônia (Alemanha – 2005) – 1 milhão; em Sidney (Austrália – 2008) – 500 mil; e em Madri (Espanha – 2011) – 2 milhões e no Rio de Janeiro (Brasil – 2013) – 3,5 milhões.

Na programação das jornadas têm catequeses, testemunhos, partilhas, exemplos de amor ao próximo e à Igreja, festivais de música e atividades culturais. Enfim, um encontro de corações que crêem, movidos pela mesma esperança de que a fraternidade na diversidade é possível.

A Jornada Mundial da Juventude no Brasil, realizada em Julho de 2013, no contexto pós moderno, apresenta-se como um grande paradoxo da cultura contemporânea. Um evento caracterizado como de massificação pela sociedade, que em suma deveria reunir em sua essência traços de uma cultura consumista, hedonista, individualista, que atraem as juventudes somente pelo número e pela multidão, desmitifica essa teoria. Há um novo desenho de juventudes, há um novo rosto, uma nova definição que até outrora não era impressa nos veículos de mídia, não era revelada, não era compreendida pela sociedade. Enfim esse novo rosto tomou as ruas do estado do Rio de Janeiro, tomou por completo a orla da praia de Copacabana e se apresentou ao Brasil e ao mundo como uma juventude muito diferente do que prega a sociedade.

“As novas” formas de comportamento não são regidas pelas leis do mercado, do consumo e do espetáculo, são tendências impostas. Há uma grande parcela de juventudes que adotam valores como ética, moral e caráter, a religião, a solidez do casamento e da

família, participam de atividades filantrópicas e que contribuem com o meio social em que vivem.

Essa juventude participante das jornadas mundiais da juventude, aglomeradas em multidões, reúnem-se para aprofundar seus valores, reafirmar sua fé, trocar experiências com jovens de outras culturas como peregrinos. A palavra “peregrino” significa buscador, aquele que percorre um caminho de busca por algo espiritual. Não importa a distância a ser percorrida, não importa as condições de estrutura em se ter o mínimo de conforto, o que importa para a juventude peregrina das jornadas mundiais da juventude é a busca por mensagens de paz, de fé, de amor expressas no cristianismo e o que desafia essa juventude a peregrinar, se sacrificar por doação.

VI. Conclusão

O que se observa com este trabalho é que a juventude é contemporaneamente tida pela Igreja Católica como um lugar teológico, o que coloca todo o corpo eclesial para em plena busca por readaptar-se, a partir dos novos contextos vivenciados por uma geração mais midiática e mais veloz.

De fato, nas precisas exposições dos Bispos do Brasil,

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis. Numa época em que se fala tanto de inculturação ou — em outros termos — de encarnar-se na realidade, de aceitar o novo, o plural e o diferente, na evangelização da juventude, estaremos diante de feições muito concretas e imprevisíveis. Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade mas também porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade.^{viii}

Conclui-se, portanto, que olhar para a juventude situada nas cidades, buscando compreender o seu modo de vida, de expressar o sagrado que habita nela, é tarefa que a Igreja se coloca nesse momento. Ao sociólogo da religião e/ou da juventude importa

saber quais são os meios pelos quais os jovem busca manifestar este religioso, qual a função que instituição Igreja apresenta para a juventude que adota suas práticas religiosas e também para aqueles que não estão inseridos em seus espaços eclesiais, além de construir um arcabouço teórico que fundamente sua análise nesse contingente populacional ainda pouco estudado.

VII. Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. *Aprendendo a Pensar com a Sociologia*. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2010.

CIPRIANI, Roberto. *Manual de sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 2007.

Documento de Aparecida, 2007.

Documento de Evangelização da Juventude – CNBB nº 85, 2007.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno* (A. J. d. Barros, Trans. Vol. Sociologia e Política, volume 24). São Paulo: Editora Ática, 1991.

MANNHEIM, K. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. *Educação e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

NOVAES, Regina & VITAL, Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: Thompson, Andrés (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo, Peirano, 2006.

PAIS, José Machado. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), (1.º, 2.º), 1990, p. 139-165.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

Notas:

ⁱ Documento de Evangelização da Juventude – CNBB nº 85, 2007, item 252.

ⁱⁱ Documento de Evangelização da Juventude – CNBB nº 85, item 257.

- iii Documento de Evangelização da Juventude – CNBB nº 85, item 40.
- iv Documento de Aparecida (2007). item 517.
- v Documento de Aparecida (2007). item 518.
- vi Documento de Evangelização da Juventude – CNBB nº 85, item 47.
- vii Dados disponíveis em: <http://www.rio2013.com/pt/a-jornada/historia-da-jornada> (acessado em 10 jul 2013)
- viii Documento de Evangelização da Juventude – CNBB nº 85, item 81.